

O PODER DA ENCRUZILHADA CONTRA O PATRIARCADO: POMBAGIRA, LÉLIA GONZALEZ E EU(S)

Prof. MSc. Kátia Cilene Souza Alcântara Santana¹⁰⁶

Prof. MSc. Darcy dos Santos¹⁰⁷

Resumo: A filosofia não é um campo fechado. Ela não nos conduz a respostas, ao contrário, nos ensina a fazer perguntas. A pôr em xeque valores que estão institucionalizados e normalizados. Nesta perspectiva temos o objetivo de refletir as interseccionalidades que atravessam a mulher negra a partir do mulherismo africana. Como proposição trazemos um encontro na encruzilhada entre Lélia Gonzalez, Pomba Gira e Eu(s). Percebemos essa pesquisa como um ebó. A encruzilhada é o local das possibilidades, onde são arriadas as oferendas, onde as “verdades” são descortinadas. Pomba Gira é uma máquina de guerra contra a opressão patriarcal. Uma entidade transgressora, subversiva, mulher da comunicação, do movimento e que rompe a subalternização. Lélia Gonzalez é a intelectual feminista negra que foi rechaçada pela academia. Uma mulher que emergiu uma voz proeminente na denúncia dos marcadores de opressão que atravessam o feminino negro. O Eu(s) sou eu mulher negra e todas as mulheres negras que são abjetas de uma sociedade racista, sexista, capitalista e fundamentalista. Consideremos o Eu(s) coerente nessa pesquisa científica devido ao método adotado ser o auto etnográfico, que nos permite evidenciar as dores e o silenciamento que é imposto à mulher negra, sem omitir o posicionamento político das pesquisadoras. Ancoradas no ensaio “Pode o subalterno falar?” de Gayatri Spivak (2010) reconhecemos a opressão que priva a mulher negra do direito a voz política e à escuta atenta. Sendo assim essa pesquisa desafia a predominância da intelectualidade ocidental que sempre falou pela mulher negra e que tem como histórico a narrativa dos colonizadores. Nós mesmas queremos ter o direito a contar as nossas narrativas tendo como terra fundante a história e a cultura africana. Pensamos que são necessárias e urgentes a academia e as escolas de educação básica proporem uma reflexão sobre essa pauta,

¹⁰⁶ Possui Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). É professora efetiva da Prefeitura Municipal de Catu (BA) e professora efetiva - Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E-mail: katiacsas1@gmail.com

¹⁰⁷ Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis e mestra em Língua Portuguesa também pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). É Professora de Língua Portuguesa na rede municipal de Laranjeiras/SE

pois enquanto há omissão, o papel que é relegado às mulheres negras é o da subserviência. Servir aos homens brancos, servir as mulheres brancas, ser apenas desejada sexualmente pelos homens brancos e ser rejeitada pelos homens negros. Para isso, o sistema educacional tem que seguir uma linha filosófica afrocentrada, que ponha os povos africanos e a sua história em evidência, de forma que respeite o contexto e toda a cultura africana. Como consequência da educação afrocentrada as mulheres negras terão as suas subjetividades respeitadas, pois desta forma será evidenciada a força da mulher preta para a reexistência do povo afro-brasileiro. Como embasamento teórico nos ancoramos em Bell hooks (2019), Lélia Gonzalez (2020) Barros & Bairrão (2015) e Spivak (2010). Propomos o aquilombamento como uma forma de estilhaçar estereótipos de subalternidade que foram impostos pelo patriarcado à mulher negra.

Palavras-chave: Filosofia Afrocentrada; Mulherismo Africana; Reexistência.